

Foucault no caminho de Freud: psicanálise e biopoder

Joaquim Humberto Coelho de Oliveira¹

A questão da tragédia Édipo-rei não é o incesto. Caso assim fosse, se denominaria “Édipo, o incestuoso”. Nela podem ser investigadas as relações de poder onde menos se suspeitaria a sua presença. Nas pretensões de buscar a verdade, o saber ocultaria as suas estratégias de controle. O conhecimento, adverte Foucault na sua releitura da tragédia grega, não revela a verdade. Ao contrário, ele se serve de um modo de dizê-la que se presta a um conjunto de relações mantenedoras da ordem vigente. Comprometida com a história, a verdade não se eterniza na sua essência, mas se modifica na presença de dispositivos diversos de controle. Em Édipo, o pensador francês constata referências ao modelo jurídico de verdade e o seu embate com o desgastado modelo da tradição mítico-religiosa. A requisição da autoridade divina para confirmar a verdade é substituída pela necessidade de confirmação pelas testemunhas oculares do fato.

Obra de referência para a criação do conceito chave da psicanálise por Freud, a tragédia de Sófocles para Michel Foucault revela o complexo saber e poder sem vestígios daquele outro complexo que se eternizou como edipiano. Foucault de novo se põe no caminho de Freud, desta vez a convite do autor do artigo, “*Atravessados pelo biopoder: uma analítica foucaultiana sobre a religião e a psicanálise nas cartas trocadas entre Freud e Pfister*”. O reencontro entre os dois agora é mediado pelo gênero epistolar. Por meio dos olhares de Foucault são interceptadas as cartas trocadas durante trinta anos (1909-1939) entre Freud, o judeu ateu, e o seu correspondente, um pastor protestante.

Esses documentos integram os arquivos discursivos, como parte do que Foucault considerou de interesse das atividades do arqueólogo do saber e do genealogista do poder. Os discursos psicanalítico e religioso dialogam, nesta troca de correspondências, em torno de diferentes modos de lidar com os

¹ Doutor em Filosofia pela PUC-RJ. Professor do PPG “Humanidades, Culturas e Artes” da UNIGRANRIO.

sujeitos e suas almas angustiadas. A salvação prometida nos discursos religiosos e atraentes para os fiéis é contrastada à cura alcançada pela ciência psicanalítica. Nas cartas, a certeza epistemológica de Freud serve às suas convicções de romper com a repressão sexual.

Vã pretensão, já que a sua declarada confiança de atuar cientificamente em favor da satisfação do desejo seria relida no sentido contrário por Foucault. As defesas libertárias do pensador vienense certificam nada mais nada menos que a presença dos mecanismos próprios do dispositivo da biopolítica. Em vez de disciplinar com censura, este dispositivo controla de maneira permissiva. Ele se concentra em estimular que se fale em vez de reprimir. Não se escapa do poder trocando o confessionário pelo consultório, apenas se modificam os seus modos de atuação. Nas correspondências mantidas entre o religioso e o psicanalista, parafraseando Shakespeare, a fé e a ciência mostram-se mais próximas do que desconfiam as nossas “vãs filosofias”.